

I Encontro INTER PARES – Reflexões dos professores participantes sobre o filme “A Onda”

Quando crescer, quero ser como Rita	Noemia Davidovich Fryszman	02
Filme “A Onda”	Antônio Carlos Malheiros	03
Fotografia e Roteiro na construção da mensagem do filme “A Onda”	Albert Hemi	04
A onda – o vagalhão contra a liberdade	Humberto Lima de Aragão Filho	05
Aspectos subjetivos do filme “A Onda”	Paulo Roberto de Camargo	06
A onda: O vírus dentro de nós	Roberto Santos	07

“Quando crescer, quero ser como Rita”

Noemia Davidovich Fryszman

Doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Mestre pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Professora do Curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas Rio Branco.

O INTER PARES foi criado com o objetivo de promover debates de alto nível acadêmico entre professores de todas as unidades das Faculdades Integradas Rio Branco, sendo aberto à presença dos alunos. O evento consiste em discutir temas escolhidos por sua relevância curricular, possibilitando que as mais diversas linhas de pensamento sejam expostas e levando os alunos a desenvolverem seu senso crítico.

A inspiração para criar o projeto partiu do teto “Quando for crescido quero ser como Rita”, de José Saramago, que utilizamos como epígrafe, na sua forma reduzida e adaptada, para a abertura oficial do I Encontro:

Essa Rita a quem quero parecer-me quando for crescido é Rita Levi-Montalcini, ganhadora do Prêmio Nobel de Medicina em 1984 por suas investigações sobre o desenvolvimento das células neurológicas. Ora, Prêmio Nobel é coisa que já tenho, logo não seria por ambição dessa grande ou pequena glória que estou disposto a deixar de ser quem tenho sido para tornar-me em Rita. É simples. No ato do seu investimento como Doutora “Honoris Causa” na aula magna da Universidade Complutense de Madri, esta mulher, que logo completará 100 anos, fez umas tantas declarações que me deixaram assombrado e agradecido. Disse ela: Nunca pensei em mim mesma. O importante é a maneira como vivemos e a mensagem que deixamos. Isso é o que nos sobrevive. É verdade que vejo mal e ouço pior, mas o fundamental é manter o cérebro ativo e manter a curiosidade pelo mundo”. E Saramago conclui: “eu senti então que havia encontrado uma alma gêmea.

Eu, quando crescer, também quero ser como Rita, nunca quero deixar de aprender e hoje estou aqui para aprender com os meus queridos pares.

O I Encontro INTER PARES teve lugar no auditório das faculdades em maio de 2010, quando foi apresentado o filme “A Onda”, versão alemã de 2008, do diretor Dennis Gansel. Nesta obra, um fato real, ocorrido em 1967 no Colégio Cubberly, na Califórnia, é transportado para a Alemanha contemporânea.

A experiência verdadeira, na qual o filme se baseou, foi dirigida por Ron Jones, professor de História, que teve a ideia de realizá-la após ser indagado por um aluno,

ao ministrar uma aula sobre o nazismo e o Holocausto, se algo semelhante poderia acontecer ali. Ron Jones, então, instituiu uma espécie de jogo com seus alunos, para que eles vivenciassem na prática os mecanismos do nazismo.

Contudo, ele não pôde imaginar que os alunos ficariam envolvidos a ponto de incorporar a ideologia fascista, abrindo mão da sua liberdade individual e passando a defender a causa que supostamente os imbuía de superioridade. A individualidade foi praticamente aniquilada, em favor de uma uniformidade grupal moldada em técnicas repressivas, internalizada por meio de férreos processos disciplinares. Os poucos alunos que não se identificaram com a experiência foram ignorados e hostilizados.

No primeiro dia, os alunos entraram na sala de aula ao som de uma música de Wagner, considerado o compositor oficial do regime nazista e, no quadro, a palavra “disciplina” destacava-se em tamanho superlativo. As carteiras estavam alinhadas à semelhança de uma formação militar e, após forçar os alunos a se sentarem com as costas eretas, Ron Jones começou um discurso sobre disciplina, que culminou com a inscrição na lousa, em letras enormes: “Força através da Disciplina”.

No segundo dia, o professor Jones criou uma forma de saudação cujo objetivo era permitir a identificação dos membros do grupo mesmo fora da sala de aula. Foi neste momento que os alunos foram doutrinados a respeito da prevalência da ideologia coletiva sobre a consciência pessoal. Neste contexto, surgiu o bordão – “Força através da Unidade”, inflamando nos alunos a vontade de “pertencer”. Estava criado, assim, o segundo passo da doutrina e, como a saudação do grupo lembrava uma onda, o movimento passou a denominar-se “A Onda”.

Crescia o número de alunos querendo incorporar-se ao grupo, muitos faltando em suas aulas regulares para tornarem-se ativistas da comunidade ideológica.

Chegou a fase crucial e um novo lema foi lançado: “Força através da Ação”. A partir deste momento, a realidade mostrou-se cruel, quando colegas se transformaram em delatores, informando ao professor os nomes dos que se recusavam a participar do movimento. Os acontecimentos chegaram à mídia, prendendo a atenção dos cidadãos americanos, que passaram a discutir apaixonadamente o assunto. Cada vez mais os alunos começaram a incorporar o papel que eles deveriam estar apenas representando, misturando realidade e ficção, na medida em que as regras do “jogo” se tornavam mais severas.

Os integrantes de “A Onda” mostravam-se deslumbrados pelo carisma de seu líder, hipnotizados por seu discurso encantatório, sendo levados a seguir suas ordens sem questionar. O próprio professor Jones confessou, em entrevista, que se sentiu tentado pelo poder que exercia sobre os jovens.

Um trágico acidente fez culminar o clamor popular e levou à interrupção do projeto: um aluno, decidido a partir “para a ação”, teve a mão amputada ao manipular uma bomba de fabricação caseira.

Contudo, o que mais chocou a opinião pública americana foi a percepção de que um regime totalitário pode acontecer em qualquer lugar, a qualquer época.

A meu ver, uma das principais lições que devemos depreender da experiência real, transformada no filme projetado no I Encontro, é o poder de manipulação que o professor possui. Ele tem a força política de levar jovens em formação a abrirem mão de seus valores individuais e aceitarem que instituições que deveriam promover uma convivência social harmoniosa possam se transformar em instrumentos de dominação e imposição de valores totalitários.

O antídoto contra isso é a circulação do pensamento, o debate, o livre encontro de pares com suas ideias plurais. Por isso convidamos os colegas a participarem como debatedores nos próximos Encontros e aceitamos sugestões de temas e filmes a serem abordados.

Filme “A Onda”

Antônio Carlos Malheiros

Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Coordenador da Vara Regional da Infância e Juventude do Estado de São Paulo.

Professor Titular de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Professor do Curso de Direito das Faculdades Rio Branco.

A autocracia, regime de governo imposto por líderes totalitários, é a temática que serve de argumento para o filme “A Onda” (que, segundo sinopse, é baseado em fatos reais). O desinteresse dos alunos na disciplina que tratava da ascensão de regimes autocráticos, como o nazifascismo, levou o professor a realizar uma experiência, reproduzindo em sala de aula mecanismos de manipulação, típicos do regime estudado.

O professor impõe uma eleição “democrática” e torna-se o líder do movimento que passam a chamar de “A Onda”. Os alunos passam a seguir suas ordens cegamente. Rituais e slogans como “disciplina”, “unidade”, o “espírito de equipe”, o uso de uniforme, além de um gestual e símbolo gráfico, passam a marcar a identidade do grupo. Quem se atreve a discordar ou não obedecer o poder superior do líder, que o faz em nome do interesse do grupo sobre os indivíduos, é perseguido e ameaçado de exclusão.

Assim, “a onda” cresce, ganha adeptos, se opõe violentamente aos demais grupos sociais e juvenis, demonstrando sua superioridade e a necessidade de eliminar os “opositores”, que seriam prejudiciais à sociedade. O resultado não poderia ser outro: o fanatismo, mais acentuado em jovens com problemas psicológicos, sai do controle do professor. Quando ele resolve “desmascarar” o movimento, revelando sua face totalitária, e alertar os alunos sobre a ausência de consciência crítica, já era tarde, e o fim da história é dramático. Ou seja, no microcosmo de uma escola secundária, e de uma pequena comunidade, é feita uma experiência comum a todos os regimes totalitários.

O filme enfoca, assim, o risco sempre existente no mundo, de que, diante de situações de crise social (causada pelo medo, insegurança, ou situações limites como calamidades, guerra e fome generalizada), surjam líderes totalitários e míticos, seja nos campos político, religioso, ou social, manipulando as massas.

Após a Segunda Guerra Mundial, em resposta à experiência dolorosa de genocídio causado pela guerra e pelo nazifascismo, cria-se a Organização das Nações Unidas e proclama-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Procura-se, assim, defender os povos e os seres humanos de lideranças autocráticas e totalitárias. Infelizmente, como no filme “A Onda”, a humanidade só acordou depois de consequências devastadoras e irreversíveis.

A defesa dos Direitos Humanos, da dignidade de todas as pessoas humanas, e de Estados Democráticos e sociais de Direito são os “antídotos” contra a emergência de ideologias totalitárias e líderes genocidas. É bom lembrar que mesmo depois de proclamada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, muitos líderes políticos atuaram e atuam de forma totalitária: ditadores em várias partes do mundo, e movimentos (como “a onda”) atuaram de forma totalitária, como por exemplo (entre muitos) a Ku klux Klan (nos Estados Unidos), o Apartheid (na África do Sul), e até os movimentos religiosos intolerantes e fundamentalistas, existentes dentro de todas as religiões.

Assim, a defesa dos direitos deve ser constante. E mais: nessa batalha, não vale a ideia de que “os fins justificam os meios”. Ou alguém ainda duvida que a “guerra ao terror” promovida contra o Afeganistão e Iraque, em nome da democracia e até dos direitos humanos (intuito de derrubar líderes totalitários como Sadam Hussein, ou terroristas do Talibã), não se prestou, também, a essa lógica genocida?

Assim/ Por isso, todos aqueles que se servem da psicologia das massas ou grandes grupos humanos para impor um “pensamento único”, merecem nossa desconfiança.

Por tais motivos, o filme “A onda” pode nos ajudar a refletir sobre o estrago que a atitude totalitária e manipuladora de líderes políticos, militares, civis e religiosos pode causar. Mas tem uma peculiaridade: embora no filme a experiência tenha sido provocada propositalmente, ela ocorreu numa pequena comunidade, como a de qualquer um de nós. Assim, sugere: será que, quando em nossos relacionamentos pessoais e sociais, temos atitudes autoritárias, intolerantes, excludentes, individualistas e preconceituosas, não estamos plantando, entre nós, sementes de “onda”?

Fotografia e Roteiro na construção da mensagem do filme “A Onda”.

Albert Hemsí

Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo.
Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo.
Professor do Curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas Rio Branco.

O que chama a atenção do espectador, primeiramente, nessa refilmagem de “A Onda”, dirigida por Dennis Gansel, é como a luz se faz presente em excesso: dias ensolarados, janelas amplas e luminosas, pôr e nascer do sol, fotografia no contra-luz. O totalitarismo acontece em plena luz do dia e não na obscuridade do ser humano, esta parece ser a mensagem do diretor.

O drama, que se inicia em um curso de uma semana numa escola secundária da Alemanha, na qual o prof. Rainer propõe de modo espontâneo exemplificar, na prática, os regimes totalitários, retrata, a partir da formação de um grupo coeso e de pensamento unitário que logo se espalhará pela escola, um movimento de consequências imprevistas, com relações sociais e afetivas que se modificam em sala de aula e também fora da instituição.

São essas relações nas quais todos se envolvem, por adesão ou oposição, que estabelecem os polos de conflito da construção da trama, a ponto de se tornarem, conjuntamente com o professor, personagens principais da estória.

O filme apresenta ainda, de modo quase pedagógico, outras questões da atualidade que afetam diretamente os jovens alunos: os mecanismos de aceitação ou exclusão, associados à classe social ou a origem étnica; a liberalidade dos pais ou o desinteresse destes pelas atividades dos filhos; a atitude desinibida da geração anterior com relação ao sexo em contraposição às dificuldades do jovem na construção de uma vida afetivo-sexual; a formação de pequenos grupos de interesse comum. Este é o

contexto em que o movimento desencadeado na aula do Prof. Rainer mostra sua força de união e reorganização social.

Mas, em qual momento da estória, esse grupo formado em classe, interessado e cooperativo, se transforma em totalitário e segregador? Ou, do ponto de vista da construção do roteiro, quando o eixo dramático se estabelece? Na cena em que os garotos e garotas ganham as ruas à noite para colocar adesivos e pichar o desenho do movimento de maneira ilegal, embora movidos de ingenuidade juvenil, ocupam o espaço público de forma agressiva e simbólica.

Essa cena, que desencadeia a tensão que acompanhará o espectador até o final do filme, tem seu germe um pouco antes, em plena sala de aula, quando, a pedido do professor Rainer, os alunos marcham ruidosamente; com um duplo objetivo - como é revelado em seguida pelo professor - de sentirem o efeito da disciplina e do ritmo, como também de atrapalharem a aula da sala do piso abaixo, pois ali era ministrado, concomitantemente, o curso sobre o anarquismo, grupo rotulado pelo mentor de “inimigo”. É a partir dessa ação do professor que a turma se sente encorajada a promover seu movimento por força de coerção.

Apesar do ritmo e do efeito expansivo que o movimento ganha, no qual os jovens envolvidos vão buscar soluções para suas carências apoiados no poder do grupo, os personagens e suas ações, todavia, se demonstram previsíveis: o desajustado social, que conquista a amizade dos colegas e compra uma arma para “proteger” seus iguais; os namorados que entram em conflito até a agressão física; a amiga que se envolve com o namorado da outra; o jovem filho de emigrantes turcos que é aceito no grupo apesar dos preconceitos inerentes à sociedade alemã; e, até mesmo, o professor Rainer que necessita afirmar-se junto à seus pares como um docente com qualidades, querido e respeitado pelos alunos.

Mas se essa previsibilidade é quase tediosa, como no encontro entre alguns alunos e um grupo de anarquistas, cena elaborada para que o espectador saiba que o jovem desajustado possui um revólver, como explicar no encadeamento da construção dramática que “A Onda” e sua condução pelo seu mentor estariam fora de controle? Este é o paradoxo do roteiro, articulado de maneira progressiva e quase didática, por vezes óbvia, e que, no entanto, mantém o espectador sem fôlego, ao abordar uma situação de força e coerção que permeia a história da humanidade.

É tão fácil assim se tornar uma pessoa totalitária e segregadora? Parece que sim e esta é a mensagem principal do filme, que aponta ainda para a questão do legado entre as gerações, representada nos relacionamentos entre pais e filhos-alunos, professor e discípulos e, principalmente, pela esposa de Rainer, gestante, também professora, e porta-voz da opinião dos outros colegas; um contrapon-

to crítico às ações do marido oriundo do âmago de uma futura família.

Ainda cabe ressaltar que nessa nova versão de “A Onda”, lançada em 2008, o diretor opta por um final bem diferente da versão de 1981, também baseada no romance de Todd Strasser (a partir de fatos reais), produzida para a televisão americana e dirigida por Alexander Grasshoff. Nesta, o professor é “absolvido” nas cenas finais, quando consegue mostrar aos alunos que “A Onda” os havia levado ao núcleo do pensamento totalitário, enquanto na versão alemã o final é menos feliz, pois, após a conscientização dos alunos, o jovem desajustado, ao ver se desfazer o movimento que permitiu sua integração ao grupo, fere um colega com sua arma e comete o suicídio. No final o professor é levado preso. Não parece haver espaço histórico na sociedade alemã para um final conciliador quando esse tema é abordado.

A onda – o vagalhão contra a liberdade

Humberto Lima de Aragão Filho

Doutor e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo.
Bacharel em Teologia pelo STPC.

Professor dos Cursos de Comunicação Social Direito e Relações Internacionais das Faculdades Rio Branco.

O vocábulo “autocracia”, do grego autós e kráteia, abordagem temática do filme “A onda”, significa “governo de si mesmo”, “governo próprio” e caracteriza o governo ditatorial, o governo de poderes absolutos que faz do arbítrio um instrumento sufocante da liberdade.

O filme retrata uma experiência real ocorrida na Califórnia, em 1967, quando um professor vivencia com seus alunos a estrutura fascista e o exercício centralizado do poder político, tolhendo qualquer comportamento que se insurgisse contra a unidade imposta. Imantados por uma ideologia hegemônica e tendo como lema “força pela disciplina”, os participantes do movimento “A onda” rechaçam quaisquer manifestações contestatórias, debelando-as mediante pressões físicas e psicológicas.

Mas o estado democrático de direito é, em essência, pluralista; estado no qual a diversidade e as diferenças são respeitadas constitucionalmente. Não é um estado homogêneo, em que os vagalhões chicoteiam a liberdade de expressão, a liberdade político-ideológica, a liberdade religiosa, as manifestações do exercício do livre-arbítrio e da autodeterminação, enfim, a liberdade de ser.

A liberdade não é um estado natural. É uma conquista de cada dia. A ratificação do direito de possuí-la deve manifestar-se como uma expressão máxima de cidadania. Seu aperfeiçoamento teórico é praticamente recente – data do século XVIII, abrangendo a Inglaterra e a França.

Os ingleses a conheciam; os franceses a idealizaram mediante o sonho utópico dos revolucionários. A liberdade anglicana, empírica e assistemática, fundamentou-se nas tradições e instituições que emergiram espontaneamente e na jurisprudência do direito consuetudinário; a liberdade galicana, racionalista e especulativa, foi delineada pelos expoentes do iluminismo francês, particularmente Diderot, D’Alembert e Rousseau. Ambos os conceitos angariaram simpatizantes que transcenderam as tonalidades nacionais: Montesquieu e Tocqueville, franceses, inclinaram-se para o tradicionalismo inglês, enquanto Thomas Hobbes, inglês, exaltou a tradição racionalista da França.

No livro *The Origins of Totalitarian Democracy*, J. L. Talmon estabelece as seguintes diferenças entre uma liberdade e outra: “A primeira vê a essência da liberdade na espontaneidade e na ausência de coerção; a segunda acredita que a liberdade só se concretiza na busca e realização de um propósito coletivo absoluto. A primeira defende a evolução orgânica, lenta e parcialmente consciente; a segunda a determinação doutrinária. Uma é a favor do processo experimental; outra, de um padrão obrigatório, considerado o único válido”.

Curiosamente, os países europeus que iniciaram sua conceituação foram os mesmos que exerceram o colonialismo repressor em terras da América, da Ásia e da África. Assim, a liberdade permaneceu circunscrita à clausura das tradições britânicas e ao devaneio libertário da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, decretada pela Assembleia Nacional em agosto de 1789.

Castro Alves, o poeta abolicionista, bardo da liberdade em terras brasileiras, nos versos de “O povo no poder”, afirma:

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor.
É o antro onde a liberdade
Cria asas em seu calor!

A praça é a ágora, o nicho da democracia grega, símbolo da liberdade a que aspiram os oprimidos e os perseguidos, homens de várias etnias, marionetes fragilizadas diante de um estado absoluto, e submetidas ao impacto da rendição perante a beligerância das armas, a força da intolerância e o ódio da discriminação. A liberdade é, pois, do povo, como o céu pertence à ave dos voos altos. E o povo deve criar asas, não como as de Ícaro, mas asas que o sustentem e o conduzam a descortinar os horizontes libertários da solidariedade, da concórdia, do respeito mútuo e da valorização da vida.

O massacre de povos, como ocorreu com os armênios e judeus no século passado, a prepotência imperialista de países que não respeitam a soberania e a autonomia política de outros estados são ações agressoras à liberdade, ações que dilapidam a esperança de uma sociedade capaz de descobrir na pluralidade das religiões e das culturas,

dos costumes e das tradições, das raças e das linguagens o gesto humanitário do acatamento às diferenças.

São necessários povos livres, homens livres, uma imprensa livre, uma justiça igualitária, um ministério público sem mordanças, para que a liberdade de construir a nossa história e o nosso destino seja-nos assegurada.

Aspectos subjetivos do filme “A Onda”

Paulo Roberto de Camargo

Doutor em Ciências Sociais/Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mestre em Psicologia Social pela pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Professor do Curso de Comunicação Social das Faculdades Rio Branco.

O próprio título “A Onda” nos permite verificar qual é o sujeito do filme. Para nossos propósitos não se trata de um indivíduo na forma humana como personagem principal, mas sim de um sujeito que exclui a individualidade humana na sua complexidade e riqueza quando estas são bem cultivadas: trata-se do surgimento de um fenômeno de massa específico, ou simplesmente “A Onda”.

A especificidade de tal fenômeno deve ser bem definida, pois não se trata de qualquer efeito de massa, o que pode gerar controvérsias bem fundamentadas ao supor-se, por exemplo, que uma reação de massa a uma tirania, ou uma simples participação em evento adquira a forma perversa da qualidade da massa que estamos nos referindo como sujeito do filme. Trata-se da massa que dá origem ao fascismo.

Para nossos propósitos de análise há uma psicologia específica que norteia a onda e que foi exaustivamente estudada por alguns teóricos como Reich e alguns pensadores da escola de Frankfurt como Theodor Adorno. Freud estuda o fenômeno como a massa em si, independente da ligação com o fascismo, mas que contribui significativamente para o estudo da psicologia deste.

Para Reich, o fascismo é um fenômeno que tem na classe média um apoio fundamental no processo, uma vez que é um estrato social que necessita afirmar uma segurança constante em seu projeto de vida, mas que se sente constantemente ameaçado por quaisquer sinais que ameçam esse seu projeto de vida. Dessa maneira, o anseio a uma vida segura quanto aos seus anseios de vida futura fornece um substrato que pode legitimar líderes autoritários que prometem um lugar seguro. Isso ocorreu na Alemanha com o advento do nazismo, mas cujo fantasma permanece vivo nos dias de hoje, como assim demonstra o filme.

O argumento de que na época do nazismo havia uma grande crise econômica que levava a população a se sentir humilhada, com um partido político que fundamentava a pregação do ódio racial e a submissão incondicional a um líder salvador para superar essa situação não seja similar aos dias atuais, nos quais uma situação de calma aparente e próspera em um regime democrático não propicia o surgimento de uma massa irracional, mostra-se falso, pois a simples invocação de uma experiência autoritária demonstra que suas motivações encontram-se latentes.

No filme, uma vez que a experiência de um processo autoritário é proposta pelo professor, a fácil adesão da quase totalidade dos alunos se dá de forma imediata na sala de aula, na qual a coesão grupal se dá pela padronização de condutas obedientes ao professor-líder com o forte repúdio das diferenças simbolizadas pelos alunos que questionavam o experimento. Estes dois fatores, submissão incondicional a um líder e aniquilamento das diferenças são o fundamento da massa que dá suporte ao nazismo.

Um tipo de personalidade que melhor ilustra a adesão incondicional a esse tipo de massa, encontra-se no personagem Tim. Inseguro, vítima de brincadeiras humilhantes por parte de colegas e pouco integrado tanto a estes quanto à família, Tim encontra na “Onda” um lugar seguro que o provê de coragem e determinação para compensar seus sentimentos de inferioridade. Aqui é importante ressaltar que o seu objetivo mescla-se com os objetivos da onda, não havendo uma separação entre este e a onda propriamente dita. Para Freud, na massa há a diluição do indivíduo nos seus aspectos racionais e valorativos que permite assim descarregar seus impulsos hostis.

Tim revela a recompensa que um membro da massa recebe por participar da situação: prestígio, por estar entre os preferidos e também a possibilidade segura de descarregar sua agressividade em uma forte identificação com os colegas e também com o professor-líder. Esta forma de conduta foge obviamente ao controle racional e valores estabelecidos e passa a ter uma justificativa em si mesmo: a supremacia do grupo ou então do raça, como foi o caso do nazismo. Para tanto, faz-se necessário um alvo que possa servir de motivo para ações violentas.

A transformação por que passa Tim revela que, em tal situação, o perigo passa a ser mero detalhe, quanto mais desprezível pela ação humana. O fato de que ele supera todas as condições e se infla de onipotência no caso de subir ao topo do prédio para realizar a pichação, façanha da qual nem os próprios colegas acreditavam que ele fosse capaz. Ele se “eleva” a um plano maior, desmedido, acima de tudo. A maneira como se formaliza o caráter agressivo e destrutivo da onda se dá quando no encontro com o grupo rival de anarquistas, Tim saca um revólver para resolver uma situação de conflito, na qual todos os

demais estavam desarmados. Dissuadido pelos colegas de levar a cabo tal ação, Tim “brinca” ao dizer que a arma estava descarregada.

Se, nas condições da Onda, num primeiro momento a ameaça é uma “brincadeira”, esta passa a ser verdadeira quando no desenrolar dos acontecimentos, Tim passa a ser o guardião de professor-líder e a se submeter e depender exclusivamente da vontade deste. Uma vez legitimada a sua posição de guardião pelo professor-líder, quando no final do filme este permite que ele se coloque em pé ao seu lado e, por ocasião da possibilidade de dissolução da onda que já tinha ido longe demais e ultrapassado os limites controláveis, a “brincadeira” se torna realidade, quando Tim dispara de fato em seus colegas que para ele se tornaram diferentes, ou seja, foram adeptos ??? à (pela) dissolução da experiência da “Onda”.

Para a classe média atual que vive euforicamente e exclusivamente pelo consumo no qual o individualismo exacerbado que afasta o indivíduo do contato humano, de sua humanização, portanto, o filme “A Onda” possibilita que seja feita uma análise dos reais valores que permeiam a formação de nossos jovens, e o quanto eles são sólidos para que possam resistir a aventuras que seduzem a resolução de inserção social de maneira aparentemente fácil, sem um real esforço para se tornar um indivíduo singular dentro da comunidade humana. Isso é uma das reflexões que se pode desenvolver a partir do filme.

A onda: O vírus dentro de nós

Roberto Santos

Especialista em Serviços pela Sorbonne - Paris .
Bacharel em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Professor dos Cursos de Administração e Turismo das Faculdades Integradas Rio Branco.

O filme “A onda” (2008), refilmagem do original americano de 1981, relata um caso verídico, resultado de uma experiência realizada numa escola secundária em 1967 na Califórnia.

Mais do que recontar a história, o filme traz à tona novamente a reflexão sobre a ameaça do autoritarismo e do etnocentrismo em pleno século XXI, falando mais diretamente ao público juvenil, por ser ambientado entre jovens contemporâneos e “descolados”, rodeados por celulares, mp3s e computadores.

Mudam a roupagem, os cenários, os jovens, mas sua essência sinistra continua ali vívida, como um vírus à espreita, esperando o melhor momento para atacar, mas assim como nos corpos atacados, o inimigo não se encontra lá fora.

A ameaça vem de dentro, do íntimo de cada um, pois é lá, em nosso interior mesmo, que vive a intolerância à dife-

rença e a tentação e a vontade de impor aos outros, “os diferentes”, os nossos próprios valores, sedentos de que todos sejam iguais.

No entanto, a própria natureza mostra que justamente é a diferença que leva à evolução, como magistralmente observou Darwin.

Galileu ousou postular que a Terra girava ao redor do sol e não o contrário, desafiando a absoluta maioria católica.

Da Vinci desafiou o pensamento vigente e deu à civilização inúmeros protótipos de invenções que viriam a ser aprimorados séculos depois, seus “pecaminosos” desenhos de anatomia humana ainda são referência.

Jesse Owens, negro, oriundo de um Estados Unidos racista, foi recordista das olimpíadas de 1936, derrubando por terra a falsa superioridade branca e, ainda mais, a superioridade ariana, humilhando o sonho nazista.

Einstein, um dos maiores expoentes da Alemanha e da ciência mundial, era judeu. Carmen Miranda era portuguesa e não brasileira, Charles Aznavour, maior ícone da música francesa é armênio...

O que não faltam são exemplos de como a diferença é importante para a humanidade, cabe, então, ao ambiente escolar criar um espaço onde a diversidade de pessoas e de ideias seja estimulada e possa florescer livremente, estudando em profundidade os mecanismos autoritários e etnocêntricos, escancarando sua pobreza ideológica, de visão de mundo e seus perversos efeitos práticos como o preconceito, a discriminação e a repressão que ainda perduram em nossos dias e em toda parte, justificando todo tipo de barbárie contra seres humanos considerados “diferentes”.

Munidos, então, de reflexão crítica e ética, os jovens podem se libertar do vírus da intolerância de dentro para fora.

Parafraseando Nelson Rodrigues, a unanimidade não é apenas burra, ela é monótona, monocromática, enfadonha, para isto basta imaginar um mundo onde todos fossem, pensassem e agissem igualmente...

A única igualdade que deve ser perseguida a todo custo é a de direitos, pois somos todos iguais perante a lei e todos deveriam ser tratados assim, independentemente de etnia, crenças, religião ou ideologias.

Assim, os franceses declararam Liberdade, igualdade e fraternidade, a ONU instituiu os Direitos Humanos, Martin Luther King discursou “I have a dream...”, John Lennon cantou “Imagine” e o filme adverte que devemos sempre estar atentos ao vírus da intolerância...

E vivam as diferenças!